

JORNAL: Jornal do Comércio LOCAL: Quomabana

DATA: 03/01/1965 AUTOR: _____

TÍTULO: Novo Ano, Novos Planos

ASSUNTO: Ivan e os monstros expressionistas após
saturação do abstracionismo.

Folhetim do «JORNAL DO COMMERCIO»

DOMINGO, 3 DE JANEIRO DE 1965

NÓVO ANO, NOVOS PLANOS

Começa um nóvo ano E' curioso como a simples convenção tem a força de gerar esperanças e de criar ilusões. O tempo flui e se torna necessário um sistema de referências que nos permita a «situação». O sol e a lua se encarregaram de dar idéias ao homem e assim se foram formando os calendários e surgiu a noção de ano. E cada vez que a folhinha chega ao dia 31 de dezembro sobem os foguetes no ar, multiplicam-se os abraços e os bons votos e tudo começa do mesmo modo, nesse ciclo de ilusões e desenganos, de esperanças e desesperos que caracterizam a existência do homem.

Como será o ano de 1965 para as artes plásticas? Em 64 assistimos a uma profunda transformação, que já vinha de longe. De um lado a saturação (digamos assim) da arte abstrata levou grande número de artistas a tentar novos caminhos. Entre nós uma das transformações mais significantivas foi a de Ivan Serpa. Cito-o apenas como exemplo, que me parece marcante e significativo. Ivan Serpa penetrára em uma fase que poderíamos denominar de caligráfica, na qual estava como um peixe nágua. A sua natural ironia, a frágil delicadeza exterior pareciam fazer dele um artista fadado ao manuseio da cifra. A arte caligráfica é uma arte de cifras que, paradoxalmente, não exige decifração. Expliquemos: seu alto sentido decorativo (tomemos como padrão disso o arabesco, oriundo da arte muçulmana) exerce por si mesmo uma função total, que dispensa maiores interpreta-

ções. O mesmo não acontece com o abstracionismo lírico, ou com o próprio abstracionismo geométrico, onde a razão tem lugar eminente, embora muitas vezes os grão-sacerdotes do gênero se ocultem por traz de teorias irracionais (como é o caso de Mondrian, que fundamenta a sua arte nas teorias do filósofo Schoenmakers, criador do «misticismo positivista» e da «matemática plástica»). Apesar da cobertura schoenmakersiana a arte de Mondrian surge como eminentemente racional, pois deriva de uma série de anamorfozes simplicadoras, como se pode ver no famoso estudo da «Árvore» reduzida afinal a pura geometria. Processo paralelo, embora diverso, ao processo cubista.

Ivan Serpa fazia uma caligrafia leve e aérea, na qual não havia nenhum lugar para a indagação ou a angústia. Quando parecia ter achado um caminho definitivo, com os grandes painéis que vimos no Salão da Arte Moderna de 1962, Ivan Serpa, depois de breve retiro, surge com uma pintura figurativa, altamente agressiva onde os monstros expressionistas disputam um campeonato de horror.

Mas esse fundo de horror, aparente para quem olha a superfície, não é a mensagem da nova maneira de Ivan Serpa, que é mais um desafio. Não ao público, mas ao próprio artista. A técnica de Ivan Serpa, nos monstros, se assemelha bastante à de Oskar Kokoschka, que também cultivou o gênero. O expressionismo, que já fincara a sua garra poderosa na própria pintura abstrata, começa a dominar o neofigurativismo. E a criar novos problemas.

Isto é um sinal dos tempos. O homem sente que as velhas estruturas estão rangendo e que alguma coisa de nóvo desponta no horizonte. É uma revolução causada pela técnica, principalmente pela automação. Estaremos diante de um nóvo tipo de civilização, baseada no uso extensivo e intensivo da máquina, não apenas como simples operatriz, mas como unidade sidernética, capaz de cumprir programas e executar missões com autocontrole? Respondo pela afirmativa, mais com intuição que com certeza lógi-

cas
em I
turas
dos tra
logo a c